

Williams da Silva Gonçalves
Relações Internacionais

Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002, 68 pp.

A partir da Segunda Guerra Mundial acelerou-se a consolidação de uma sociedade internacional e seus mecanismos de gestão, assim como a complexidade dessa nova realidade. Desde então cresceu o volume de temas, instituições, autores e publicações sobre as relações internacionais. Nos últimos anos as transformações cruciais sofridas pelo sistema internacional, num quadro de globalização acelerada, podem ser constatadas, entre outras, pela demanda exponencial de publicações atualizadas sobre a vida internacional. No entanto, no Brasil, a carência desse tipo de publicação, assinada por autores brasileiros, é ainda notória tanto para o grande público quanto para os especialistas e estudantes das *Relações Internacionais*.

O livro recém-lançado por Williams Gonçalves, *Relações Internacionais*, é portanto extremamente oportuno porque contribui para diminuir essa lacuna editorial brasileira e porque fornece subsídios sólidos a um público ávido

de informações e conhecimento para melhor decifrar essa nova realidade internacional. Livro de divulgação, formato de bolso, características da coleção *Passo-a-Passo*, na trilha aberta em 1979 pela Brasiliense com a *Coleção Primeiros Passos*, onde o autor brinda o leitor com uma obra séria, de alto nível, fruto de sua familiaridade com um tema que é seu objeto de estudo ao longo de seus muitos anos de atividade acadêmica, *Relações Internacionais* é dirigido ao grande público mas também aos estudantes e profissionais da área. Por meio de uma escrita ágil, um texto seguro que nos introduz nos domínios de uma ciência relativamente nova, ainda em construção, posto que só adquiriu estatuto de disciplina acadêmica na década de 1960, Gonçalves revela ao seu leitor a riqueza do espectro temático de tal disciplina, bem como suas principais teorias e conceitos. Entre outros, o grande mérito deste livro é o de fornecer, de forma clara e concisa, os instrumentos indispensáveis para a compreensão e análise das relações internacionais.

Ao contrário de obras semelhantes, *Relações Internacionais* é original ao inverter a arquitetura dos capítulos; dessa forma o autor logrou facilitar a introdução aos muitos temas, teorias e conceitos, autores e análises da vida internacional, ao reservar a análise das teorias das Relações Internacionais para sua terceira e última parte. Os atores internacionais são o tema da primeira parte do livro, a começar pelo mais importante deles, os Estados. Os demais atores internacionais são classificados em “organizações” e “corporações”. As “organizações” podem ser divididas em intergovernamentais (ONU, FMI, OEA etc.) e ONGs (organizações como Greenpeace, Anistia Internacional, Médicos Sem Fronteiras, igrejas e partidos políticos); as “corporações” são as empresas multinacionais.

As grandes questões internacionais atuais, que fazem parte da chamada “agenda internacional”, são o tema da segunda parte do livro, por sinal a mais extensa das três. Gonçalves parte das premissas de Raymond Aron para elencar as questões internacionais suscitadas segundo os interesses das grandes potências e impostas ao restante das nações como agenda internacional. Dessa forma, são analisadas as grandes questões, sempre com um olhar histórico: o comércio internacional e a Organização Mundial do Comércio, a integração e a formação dos blocos regionais (com ênfase no Nafta, Mercosul e a União Européia), os direitos humanos e o meio ambiente. Lamentavelmente, os limites impostos por esse tipo de pu-

blicação certamente obrigaram o autor a fazer uma seleção que não incluiu a análise de questões que a conjuntura atual colocou como prioritárias: o terrorismo e a segurança internacional, o combate ao narcotráfico e o desarmamento, por exemplo.

A terceira e última parte de *Relações Internacionais* trata da polêmica questão do quadro teórico-conceitual das Relações Internacionais, onde, adverte Gonçalves, “as discordâncias vão desde ao que deve ser estudado até como deve ser estudado”. De fato, apresentar em doze páginas essas questões é, no mínimo, um desafio ao poder de síntese. Lembremos que, para alguns estudiosos, é mesmo impossível qualquer tentativa de conceitualizar a vida internacional porque o *événement*, o singular, domina sobre qualquer regularidade tornando qualquer teoria uma construção subjetiva que nega a complexidade do real. Raymond Aron, para citar o único autor não anglo-saxão que, segundo Gonçalves, teria desenvolvido uma reflexão teórica (*Paix et Guerre entre les nations*) sobre as relações internacionais, considera que é impossível construir uma teoria das Relações Internacionais. Para Aron, isso se deve à multiplicidade de fatores existentes, que impossibilitam uma separação nítida entre a política interna e a política externa; à impossibilidade da redução analítica dos objetivos perseguidos pelo Estado, o ator principal, que extrapolam os binômios interesse-

nacional ou segurança nacional; à impossibilidade de discriminação das variáveis dependentes e independentes, o que impede qualquer teoria de influenciar o curso dos acontecimentos de forma durável; à impossibilidade da contabilização dos resultados, isto é, de medir-se com números os efeitos de uma teoria.

Entretanto, para Gonçalves, os debates que esta “disciplina em construção” suscitou desde os anos 1930, quando as Relações Internacionais começaram a delinear-se como disciplina autônoma, totalmente independente da História Diplomática e do Direito Internacional, permitem claramente delimitar três grandes correntes teóricas ou *paradigmas*: liberal, realista e racionalista. Aqui o autor efetua, com competência, uma simplificação de caráter didático que consiste em dividir os diferentes paradigmas em função da dosagem de idealismo de cada um e no papel mais ou menos determinante concedido ao Estado. Assim, o paradigma liberal e o realista são os extremos opostos e o racionalista estaria a meio caminho entre essas duas vertentes. Os racionalistas “compartilham com os liberais a tese da existência de múltiplos atores nas relações internacionais, mas concordam com os realistas que os Estados são os principais atores, responsáveis pela decisão de fazer a guerra.”

Evidentemente, ao privilegiar o aspecto didático, espírito da coleção *Passo-a-Passo*, Williams Gonçalves optou por não declinar todas as con-

tribuições teóricas formuladas na área das Relações Internacionais, entre elas, por exemplo, as tipologias veiculadas por Arenal e Barbés: tradicional/realista/estatacêntrico; dependência/neomarxista/estruturalista; sociedade global/transnacionalista/interdependência. A *teoria da dependência*, pensada e gestada na América Latina, tampouco mereceu a atenção de Gonçalves, ainda que seja considerada por muitos uma importante contribuição intelectual. Tampouco há referências à primeira escola de História das Relações Internacionais, inaugurada por Pierre Renouvin na década de 1950, e que com seu conceito de *forças profundas* revolucionou, segundo José Flávio Sombra Saraiva (*Relações Internacionais: dois séculos de história*, Brasília: IBRI, 2001), os estudos na área. Contudo, para os leitores interessados em um maior aprofundamento das questões tratadas, ao final de seu livro Gonçalves oferece inteligente seleção bibliográfica assinada por autores internacionais e nacionais. Mais uma vez o autor revela assim seu domínio do assunto. Finalmente, após a leitura das 68 páginas de *Relações Internacionais*, ficamos com a agradável impressão de que, de fato, hoje é possível elaborar análises da realidade internacional com instrumentos menos empíricos do que no passado.

Prof. Dr. Hugo R. Suppo
Professor Visitante do Departamento
de História da UERJ